

## LIBERDADE E APERFEIÇOAMENTO HUMANO: OS EMBASAMENTOS HUMANISTAS DA ÉTICA DO HOMEM-DEUS

FREEDOM AND HUMAN DEVELOPMENT: THE HUMANISTIC  
FOUNDATIONS OF THE ETHICS OF THE MAN-GOD

DOUGLAS WILLIAN FERREIRA (\*)



(\*) **Douglas Willian Ferreira**

Doutorando em Ciência da Religião –  
área: Filosofia da Religião pela  
Universidade Federal de Juiz de Fora –  
Mestre em Ciência da Religião – área:  
Filosofia da Religião pela mesma  
instituição e graduado em Filosofia pela  
Universidade Federal de São João Del  
Rei

Email: [douglasinvictus@hotmail.com](mailto:douglasinvictus@hotmail.com)

### Resumo

O seguinte artigo propõe uma reflexão acerca da liberdade a partir dos pressupostos filosóficos de Luc Ferry, enfatizando, sobremaneira os aspectos práticos dessa mesma liberdade ao convocar o homem à compaixão. Nesse sentido, a liberdade acaba por se tornar o fundamento de um humanismo ateu que reconhece a transcendência humana no lugar do Deus cristão; a perfectibilidade do homem, expressa em sua capacidade de fugir a todo determinismo, e conseqüentemente o surgimento do homem-Deus como a figuração da centralidade do homem no processo de secularização e da atitude ética. Assim, a liberdade se torna a garantia do aperfeiçoamento espiritual do homem, compreendendo aqui a espiritualidade como a capacidade do homem de negar a si mesmo em favor do outro pelo amor.

**Palavras-Chave:** Liberdade; Espiritualidade; Homem-Deus; ética.

### Abstract

The following article proposes a reflection about freedom from the philosophical presuppositions of Luc Ferry, greatly emphasizing the practical aspects of that freedom when calling men to compassion. In this sense, freedom ultimately becomes the foundation for an atheistic humanism that recognizes the human transcendence in place of the Christian God; the perfectibility of man, expressed in his ability to escape all determinism, and consequently the emergence of the man-God as the image of the centrality of man in the process of secularization and ethical attitude. Thus, freedom becomes the guarantee of the spiritual growth of man, understanding here spirituality as a man's ability to deny himself in favor of someone else for love.

**Keywords:** Freedom; Spirituality; Man-God; ethics.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva analisar a concepção de liberdade na filosofia de Luc Ferry e sua íntima relação com a divinização do homem. Para isso, faz-se necessário a compreensão da liberdade em oposição a toda forma de determinismo, seja ele, histórico, cultural e biológico, valorizando a capacidade do homem de fazer escolhas, sendo essas realizadas em situação. Nessa lógica, as escolhas realizadas pelo homem resultarão num desenvolvimento de sua consciência e responsabilidade, uma vez que só há distinção sensata entre o bem e o mal moral, a partir da liberdade do homem (FERRY; VINCENT, 2011, p. 72). Com isso, a liberdade se torna o fundamento da ação humana que se dá unicamente sob os pressupostos da mesma.

Não determinado, o homem consegue ultrapassar seu egoísmo natural, para alcançar o outro. Não determinado, o homem se torna capaz de abnegar de si mesmo, para dar ao outro a possibilidade de existir, de se fazer, de se escolher, e o amor traduz uma tal ação livre. De fato, quando o homem é livre, torna-se possível a ele, segundo Ferry, transcender-se. Diz o autor; “é bem definido: é o critério da liberdade, de uma capacidade de distância em relação à natureza que é o sinal, aos meus olhos, de uma transcendência, sem a qual a cultura e a moralidade seriam impossíveis” (FERRY; VINCENT, 2011, p. 75). Nesse sentido, o que se vê é a capacidade de o homem poder se aperfeiçoar, ou, para dizer com Ferry, se divinizar a partir de suas ações em favor do outro.

### 1. A LIBERDADE É DE ORDEM PRÁTICA

De todos os determinismos elaborados pelas diversas correntes filosóficas, o mais peculiar é aquele que determina o homem à liberdade, essa seria talvez a formulação de um materialista diante da veemente defesa que Luc Ferry faz da liberdade como se ela fosse uma essência dada<sup>1</sup>. Aparentemente, o suposto materialista estaria correto, principalmente porque, em último caso, não mais a história nem o

---

<sup>1</sup> Na obra *A sabedoria dos modernos*, no qual se tem um debate entre Luc Ferry e André Comte-Sponville, lê-se, segundo a perspectiva de Comte-Sponville, que o materialismo não anula nem a normatividade, nem a liberdade, mas impede de transformá-las em absolutos, algo que, segundo esse autor, é perceptível no pensamento de Ferry (1999, p. 38-40).

arsenal genético é que determinam o homem a ser de tal ou qual forma, mas a liberdade. A assertiva do materialista, porém, jamais seria admitida por Ferry; afinal, os termos determinismo e liberdade não podem se fundir numa resposta coerente e verdadeira; ao contrário, há nessa frustrante refutação uma disparidade. O que é determinado não pode ser livre e obedece cegamente a leis e códigos pré-estabelecidos. Basta uma minuciosa atenção à filosofia de Sartre para compreender que o fato de o homem estar condenado à liberdade remete-se à problemática das escolhas que o homem faz<sup>2</sup>. O homem livre é capaz de escolhas e não se encerra, a não ser porque escolhe fazê-lo, nessas mesmas leis. A liberdade, como diz Sartre, tem por fundamento essa capacidade do homem de escolher. Pode-se escolher ser livre ou mesmo não o ser; entretanto, nessa ou naquela escolha, o que se tem é a liberdade; portanto escolhem-se determinadas ações, e não se é coagido a aceitá-las. E a possibilidade de se aperfeiçoar, segundo Ferry, é a afirmação dessa liberdade do homem. Nesse ponto, Rousseau, com seu conceito de “perfectibilidade”, é esclarecedor quanto à compreensão de liberdade que Ferry defende, ou seja, diferente de todos os determinismos, o homem é capaz de se aperfeiçoar, e essa é a característica por excelência que o distingue dos demais animais (ROUSSEAU, 1991, p. 243). Segundo Ferry, essa perfectibilidade do homem concebida por Rousseau se dá de duas formas: individualmente, através do aperfeiçoamento pela educação e comunitariamente pela cultura e pela política (FERRY, 2012a, p. 161). Além do mais, a liberdade se apresenta para o contratualista como sendo um direito inalienável e constituinte da capacidade racional do homem. Por outro lado, Kant formula uma ideia de liberdade que é prática e não transcendental, ligada às escolhas cotidianas e não a simples especulações da existência de Deus (KANT, 2007, 95-96). Então, a liberdade não está relacionada a investigações acerca de um Ser que tudo rege ou mesmo acerca da possibilidade de o homem realizar escolhas, mas à possibilidade da concretização dos seus projetos<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Lê-se em O existencialismo é um humanismo: “Se, por outro lado, Deus não existe, não encontramos diante de nós valores ou imposições que nos legitimem o comportamento. Assim, não temos nem atrás de nós, nem diante de nós, no domínio luminoso dos valores, justificações ou desculpas. Estamos sós e sem desculpas. É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer” (SARTRE, 1978, p. 9).

<sup>3</sup> Diz Ferry em sua interpretação de Kant: “a finitude, longe de ser estabelecida como a constatação de uma limitação do sujeito empírico, é antes primordial e a priori” (FERRY, 2010, p. 224), portanto, a liberdade acontece a partir desses aspectos da possibilidade do homem, evidenciando sua finitude.

Nesse ponto de vista, contra o biologismo<sup>4</sup> tem-se a prova de que a liberdade é característica humana porque o animal nasce aquilo que é, definido e identificado em sua totalidade a uma essência própria de sua natureza; aos animais não é possível a mudança nem o aperfeiçoamento. Ferry exemplifica esse determinismo natural nos animais a partir das colmeias e dos formigueiros, que se organizam hoje da mesma forma que milênios atrás, o que, por outro lado, não acontece com a sociedade humana (FERRY, 2007, p. 137). Por ser livre é que o homem pode sempre se aperfeiçoar, reinventando-se em cada instante de sua vida. Mais que isso, é na liberdade que se torna possível ao homem um saudável relacionamento com os demais e, conseqüentemente, o desenvolvimento pessoal. Por isso, a liberdade se concretiza enquanto atitude, ação, saída de si para um reconhecimento de seus limites, e retorno a si mesmo, para a realização das mudanças necessárias.

## 2. LIBERDADE E RESPONSABILIDADE: MOTIVAÇÕES PARA SE FAZER O BEM

Somado ao pensamento de Rousseau e Kant, tem-se Sartre o filósofo por excelência da liberdade. Buscando justificar o homem como um ser livre, o existencialista não hesitará em mostrar que é em situação que o homem pode afirmar sua liberdade. Diante do outro, da nacionalidade ou diante da morte, fatos inevitáveis a qualquer ser humano, não se tem subtraída a liberdade<sup>5</sup>. Mesmo não vendo em Sartre qualquer novidade, por acreditar ser ele um repetidor da filosofia de Pico della Mirandola (FERRY, 2012a, p. 169), Ferry demonstra comungar da construção existencialista de Sartre principalmente quando o autor (1978, p. 6), na conferência *O existencialismo é um humanismo*, faz a seguinte afirmação sobre a precedência da existência sobre a essência:

---

<sup>4</sup> Biologismo é o termo utilizado por Luc Ferry e Jean-Didier Vincent para dizer do desvio dogmático do pensamento biológico que tende a se reduzir em explicações puramente materialistas. Uma biologia que se acredita o fundamento de todas as coisas. “O biologismo tende a fazer da natureza em nós a causa primeira e última de todos os nossos comportamentos” (FERRY; VINCENT, 2011, p. 19).

<sup>5</sup> Em *O existencialismo é um humanismo* Sartre afirma: “Em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo” (SARTRE, 1978, p. 6).

[...] o homem, antes de mais nada, existe, ou seja, o homem é, antes de mais nada, aquilo que se projeta num futuro, e que tem consciência de estar se projetando no futuro. De início, o homem é um projeto que se vive a si mesmo subjetivamente ao invés de musgo, podridão ou couve-flor; nada existe antes desse projeto; não há nenhuma inteligibilidade no céu, e o homem será apenas o que ele projetou ser.

Nessa concepção sartreana de valorização da existência em detrimento da essência, é possível reconhecer a proposta de Ferry que deseja desvencilhar o ser do homem das concepções deterministas e de um Deus-criador. O homem não foi feito para servir a Deus ou obedecer a seus mandamentos resumindo sua existência a um retorno e comunhão eterna com o criador (FERRY, 2012a, p. 170). Ademais, o homem foi feito para a liberdade e para se fazer como quer. Ele é o resultado dos projetos que traça para si e não possui, exatamente, nada de anterior a esse projeto. Assim como Deus ou a natureza são incapazes, segundo Ferry, de determinar o homem, no mesmo sentido, um outro homem, que partilha da mesma humanidade, não poderá tolher a liberdade alheia. Assim, Ferry afirma, em outras palavras, o mesmo que Sartre:

É justamente porque nada é determinado a priori – porque ele não é prefigurado por nenhum modelo particular – que o Homem, nesse aspecto o único entre todos os outros viventes, vai poder se tornar livremente tudo o que quiser, assumir qualquer destino, preencher qualquer função, e qualquer missão (FERRY, 2012a, p. 153).

Esse “nada” característico do homem é que lhe confere a grandeza da liberdade tornando-o único dentre todos e fazendo-o capaz de assumir seus projetos com a responsabilidade de se fazer homem. Com isso, a proposta de Ferry afirma um ateísmo responsável, no qual o homem, ciente da não existência de um ser divino, busca, por si mesmo, um aperfeiçoamento pessoal, que remete esse homem à prática responsável e a ações conscientemente humanas. Sobre isso, chama atenção Robert Solomon em *Espiritualidade para céticos*: “Há uma enorme diferença entre acreditar que é errado matar ou roubar porque Deus nosso Senhor ordenou que não o façamos e acreditar que é errado matar ou roubar por respeito às outras pessoas” (2003, p. 55).

A liberdade ganha centralidade na vida humana porque ela é condição da própria existência humana confundindo-se com o próprio ser do homem, e ela se traduz na ordem prática, primeiramente como um remeter o homem a uma autoconsciência de suas ações e posteriormente como realização das escolhas e concretização dos seus projetos. Somente porque é livre é que o homem pode sair de si e ir ao encontro do

outro. Nesse sentido, a liberdade resulta na bondade mesmo quando a regra parece ser o demoníaco<sup>6</sup> que existe no homem. Ao buscar salientar essa humanidade, Ferry se mostra otimista em relação ao uso que o homem faz de sua liberdade e que culmina em ações altruístas.

A liberdade é ainda a possibilidade de construção da própria história, e por isso, segundo Ferry, o materialista fracassa ao dizer que o homem é determinado pela história; antes, só se tem uma história à medida que o homem é livre para construí-la (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 59). A história não pode subtrair a liberdade daquele que a constrói porque, subtraindo-a, ela seria lançada ao nada. O homem é um ser histórico, e o é na medida em que produz a própria história na liberdade, pois se assim não o fosse se depararia com uma história já findada, responsável em dar a cada um determinado papel em seu percurso. Somente quando se compreende como ser situado é que o homem se torna consciente de seu livre-arbítrio. Na obra *A sabedoria dos modernos*, em diálogo com Comte-Sponville, Ferry afirma:

Uma ‘situação’ talvez, como acabamos de sugerir, tanto natural quanto social-histórica: é o que faz, se ousar dizer, nosso quinhão inicial. Nasci homem e não mulher, com determinado genoma, em determinada classe social, em determinada família da França e não em outra da China, etc. Não posso fazer nada quanto a isso, e ante esses dados iniciais, sejam eles biológicos ou, no sentido lato, históricos, minha liberdade nada pode. Será ela, com isso, reduzida a nada [...]? (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 85).

Situação e determinação são, portanto, coisas distintas. E, acima de tudo, a liberdade não é aniquilada pelas situações, mas pode se ver restrita a um escopo de ação. A liberdade é assim o fundamento daquilo que o homem é, ou melhor, daquilo que ele faz de si porque “o homem tem a liberdade de inventar o seu destino” (FERRY, 2012c, p. 205). Nesse sentido, a liberdade pode ser compreendida mais uma vez a partir da proposta de Sartre (2011, p. 543), que a conceitua, em sua obra *O ser e o nada*, nos seguintes termos: “Não se trata de uma qualidade sobreposta ou uma propriedade de minha natureza; é bem precisamente a textura de meu ser”; ou ainda, “a liberdade não é um ser: é o ser do homem, ou seja, seu nada de ser.” (SARTRE, 2011, p. 545), mostrando que ela não existe como algo externo ao homem, mas que se constitui como o próprio ser do homem. Ferry não ousa afirmar, como Sartre, essa ontologia da

<sup>6</sup> Para Ferry demoníaco é tudo aquilo que escapa à lógica ou ordem da natureza. Trata-se das atitudes contraproducentes do homem (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 28).

liberdade, porque quer garantir ao amor tal centralidade, mesmo percebendo que o amor, no molde de seu humanismo, só pode existir fundamentado na liberdade.

### **3. ÉTICA E LIBERDADE: O HOMEM-DEUS COMO MANIFESTAÇÃO DO MISTÉRIO DA HUMANIDADE**

Como se vê, a liberdade permite ao homem se distanciar dos determinismos naturais, bem como o chama à responsabilidade quanto à formulação e execução de seus projetos. Com isso, ela se torna o solo fecundo no qual o próprio sentido da vida poderá brotar. Segundo Ferry, o sentido da vida não pode ser conferido unicamente pela ética e seus postulados (FERRY, 2012a, p. 232-233). Como um bom humanista e herdeiro dos postulados iluministas, o autor quer mostrar que “todo sentido está *na* vida, e para o sábio não há nenhum sentido *da* vida, porque não há nada fora dela que pudesse significar ou que pudesse lhe dar sentido” (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 291). Há, portanto, nessa significação predisposta pelo homem, algo que vai além de uma reconciliação com o ser ou, como querem os materialistas, de uma simples fusão com o mundo. O sentido da vida existe enquanto sustentado por um absoluto. É evidente que Ferry não aceitará que esse absoluto seja Deus ou um ser superior que rege e garante sentido à vida do homem, mas trata-se de um absoluto na imanência. Em *A sabedoria dos modernos*, o autor afirma:

Não acredito que possa haver sentido sem ‘absoluto’, sem transcendência. Não deduzo de forma alguma daí, no entanto, a ideia de que ele está ‘em outro lugar’ que não o real. É um absoluto aqui e agora, uma transcendência na imanência. Não é, portanto, um absoluto... sempre adiado, como no cristianismo ou no comunismo tradicionais, mas estruturas de significação em relação às quais cada um se determina, queira-se ou não, a cada instante da sua existência. Para mim, o signo disso é a possibilidade do sacrifício, que não ponho em relevo de forma mortífera, mas como uma experiência em que se revela, no mundo, nosso arrancamento à relatividade (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 298).

O sentido da própria vida parte, portanto, de uma anulação de toda a relatividade, o que acaba por fazer com que o homem perceba que no mundo e nas próprias relações cotidianas há um termo absoluto imanente, presente no âmago das relações concretas que permitem valorizar a própria figura humana. Esse absoluto imanente é a própria liberdade, e com ela o amor, pois “o amor é admirável em si mesmo, independentemente de seus efeitos e consequências” (SOLOMON, 2003, p.

87). No foro interior, diante de situações que exigem do homem um sacrifício pessoal, tem-se que o amor e até mesmo a liberdade ganham esse caráter de absolutos (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p.299). Absoluto é tudo aquilo pelo qual o homem arrisca sua própria vida (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 299). E não sendo mais praticável um sacrifício de si mesmo em favor da política, do comunismo, da fé e dos fundamentos metafísicos, o que resta ao homem é o reconhecimento e o respeito da sacralidade do outro.

Essa dimensão é a tal ponto absoluta e sagrada que Luc Ferry chega a afirmar a existência do homem-Deus<sup>7</sup>. Por esse ângulo, torna-se perceptível o fato de que, mesmo com a morte de Deus, não acontece o fim da religião ou do religioso (FERRY, 2008a, p. 84-85). Mesmo que sua concepção não esteja atrelada a uma determinada religião, pelo menos não de forma confessa, vê-se que, em Luc Ferry, após a morte de Deus o que permanece é antes um retorno do religioso. Todas as suas concepções e conceitos remetem a essa ideia da religiosidade humana. Eis o diagnóstico possível: Religião do homem, da liberdade e do amor (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 217-218). O homem-Deus é um conceito impregnado do desejo de salvação, mas da salvação de si e não de toda humanidade como no caso cristão. Ao elaborar esse conceito, Ferry não quer dar ao homem as qualificações da divindade ou a perfeição de Deus, mas quer mostrar que a divinização do humano é justificada na autonomia do homem (FERRY, 2012b, p. 195).

#### **4. A LIBERDADE COMO POSSIBILIDADE DE UMA ESPIRITUALIDADE LAICA**

A divinização do humano permite perceber o religioso não mais como uma heteronomia, como algo exterior e superior à vida e ao homem, isso seria confundir religioso e religião. O religioso é constituinte do homem<sup>8</sup> e o é na medida em que ele se

---

<sup>7</sup> O homem-Deus é a expressão da sacralidade própria de cada indivíduo perante a humanidade. De maneira geral, a capacidade de pensar e acima de tudo a capacidade de amar, faz do homem um ser, dentre todos os demais, divino. Somente a divindade possui amor tão gratuito, e não havendo divindade, mas tão somente o homem, e sendo este capaz de tal amor, podemos dizer que o homem é um ser divino. É evidente que o uso desse conceito resulta em grandes problemas; um deles, tão combatido por Ferry, é o fato de o homem estar tão cheio de si e acabar dominando os outros por acreditar-se divino. No entanto, essa interpretação é redutora demais daquilo que Ferry quer propor em seu conceito.

<sup>8</sup> Vê-se essa afirmação, por exemplo, em Feuerbach na obra *A essência do cristianismo* (Petrópolis: Vozes, 2007, p. 35) bem como em Albert Samuel em sua obra *As religiões hoje* (2. ed. São Paulo: Paulus, 2003, p. 5), ou Jung, em *Psicologia e Religião* (Petrópolis: Vozes, 2012, p. 22).

põe a pensar e a buscar um sentido que ultrapassa as exigências do agir moral. Ele requer do homem mais que um dever, uma consciência de como e do porquê age, tendo em vista o aperfeiçoamento pessoal, intelectual e espiritual. Assim, o religioso, entendido a partir de Ferry, valoriza a autonomia, pois,

A heteronomia – isto é, o fato de que a lei vem de outro lugar que não a própria humanidade –, mas, de certa forma, a denegação da autonomia – vale dizer, o fato de que os seres humanos se recusam a atribuir a si mesmos a organização social, a história, a elaboração das leis – e que recusando-se a perceber a si mesmos como matrizes da organização social, da lei e do político, eles extra-põem (*sic*) essa fonte numa transcendência, numa exterioridade, numa superioridade e, em suma, numa dependência radicais (FERRY, 2008a, p. 19).

E essa autonomia leva o homem a uma autorreflexão que lhe desperta para a centralidade de seu papel na construção de si mesmo. É por isso que o aspecto religioso é superior ao moral, porque está entranhado profundamente no próprio ser do homem. Já a heteronomia faz compreender o religioso como uma organização tradicional que se caracteriza por seus elementos divinos, transcendentais e externos, o que, para Ferry, pertence fundamentalmente a um passado ou a um momento anterior à morte de Deus. Ferry toma um conceito kantiano para defender seu posicionamento afirmando que o religioso “é uma disposição natural do humano em geral” (FERRY; GAUCHET, 2008b, p. 22). Nesse ponto de vista, pode-se falar do religioso no âmbito laico e secular como quer Ferry, ou seja, “traduzir num vocabulário que é o da razão, *portanto* nos conceitos por essência *laicos*, os grandes discursos religiosos, começando, é claro, pelo discurso cristão” (FERRY; GAUCHET, 2008b, p. 25). E a concepção de um homem-Deus traduz bem o trabalho do autor no que se refere a essa secularização do Cristianismo e, ao mesmo tempo, valorização do religioso que constitui o homem. Ferry considera que no próprio Cristianismo o homem é posto como centro da criação, tudo foi feito para ele e Deus lhe dá um lugar eminentemente aprazível, fazendo-o inclusive à sua imagem e semelhança. Nesse segmento, a figuração da deidade do homem pode ser vista já no pensamento cristão (FERRY, 2012b, p. 193).

A divinização do homem que se vê expressa no homem-Deus é tão forte em Ferry que uma de suas principais obras é redigida como uma investigação e construção desse conceito<sup>9</sup>. E para o autor essa obra é um marco de mudança em sua trajetória intelectual porque a partir dela,

<sup>9</sup> A referida obra é intitulada *O homem-Deus, ou o sentido da vida* (Rio de Janeiro: DIFEL, 2012b).

o problema de saber como pensar um humanismo não metafísico[...] alcançou outro nível: o do espiritual, quer dizer, do status que se deve dar a esses valores que pressentimos, em nossas vidas cotidianas, como totalmente abrangentes e que nos levam, até em nossas mais íntimas experiências, a reconhecer a existência de absolutos práticos (FERRY, 2012c, p. 130 -131).

Portanto, o conceito de homem-Deus permite trabalhar as questões espirituais do homem bem como a importância prática dessa mesma espiritualidade desenvolvida a partir da própria humanidade, visto que “as obrigações superiores voltadas a Deus apenas se transferiram para a esfera humana profana, se metamorfosearam em deveres incondicionais com relação a si mesmo, aos outros, à coletividade” (FERRY, 2012b, p. 99). E o resultado dessa metamorfose é o crescente respeito pelo ser humano e uma maior humanização de suas ações que deve valorizar o outro como algo divino, digno de respeito, de reverência e de acolhimento. Essa nova relação intersubjetiva permite dissolver num secularismo todo o tipo de transcendência vertical nivelando os homens em igualdade com os demais, e com isso incutindo nesse mesmo homem a consciência do respeito mútuo, da valorização do outro e da relação que se estabelece com o mesmo (FERRY, 2012b, p. 100). Na secularização a espiritualidade ganha, portanto, os contornos da própria humanidade do homem. Sobre isso diz Solomon:

A espiritualidade é uma síntese de incerteza e confiança, um sentimento de impotência combinado com determinação e responsabilidade. Cada metade dessas antíteses, incertezas sem confiança ou confiança sem incerteza, um sentimento de impotência sem determinação e responsabilidade ou de determinação e responsabilidade sem um humilde sentimento de impotência, torna a espiritualidade impossível (2003, p. 113).

A responsabilidade abre o homem para a acolhida desinteressada do outro e, da mesma forma, clama o homem a socorrer, em meio às adversidades, todos aqueles que padecem reconhecendo o que há de divino no humano. O homem-Deus é o conceito formulado por Ferry para externar pela linguagem aquilo que envolve a humanidade do homem no mistério. Um mistério encarnado na imanência, mas nem por isso menos velado, resultando em “uma consciência eternamente misteriosa para si mesma” (FERRY, 2012b, p. 203). É porque se é tocado por esse mistério que o homem age não por dever, como quer a consciência moral, mas pelo amor e pelo respeito ao outro, que nos toma com toda a sua impenetrabilidade (FERRY, 2008a, p. 217).

## 5. A LIBERDADE É O FUNDAMENTO DO SACRIFÍCIO PESSOAL

Por outro lado, é divino o homem que tem a capacidade de abnegar de si mesmo em vistas unicamente do bem do outro, mesmo que para isso tenha de sair de si. Ação essa que não é realizada visando ao reconhecimento, mas que na sutileza pretende subtrair a amargura imposta pelo mundo aos seres humanos. Existem muitos voluntários que praticam essa ação, e seus nomes permanecem no anonimato. Nenhum deles, porém, são exemplares de perfeição ou mesmo da onipotência; tampouco refletem a onisciência ou a onipresença, características do Deus cristão, mas são divinos naquilo que possuem de humanos, a saber, a capacidade de escolher, de conceber e realizar seus projetos e agradecer em suas ações diárias o outro mais que a si mesmos. “Em outros termos, vivemos a passagem de uma lógica que era a do heterossacrifício para a de uma lógica do auto-sacrifício (*sic*)” (FERRY, 2012b, p. 105).

Sem dúvida, importar-se por vezes exige abnegação, e por vezes a negação de emoções, mas é porque nos importamos. A abnegação não é celebrada por si mesma. É o importar-se que domina, o importar-se que define os valores, o importar-se que define tanto a racionalidade quanto a espiritualidade. Exatamente o contrário de uma vida isenta de afeições, agitações, compromissos e apegos, a vida espiritual é definida pelo importar-se mais apaixonado, e é isso que define sua racionalidade (SOLOMON, 2003, p. 161).

Dessa forma, novamente, é possível ver o religioso se reintroduzindo no horizonte das práticas humanas, posto que no âmbito das ações morais, como diria Kant na *Crítica da Razão Prática*, não pode deixar de existir a problemática religiosa (KANT, 1994, p.141). Nesse sentido, o religioso não será mais uma imposição sobre as ações morais, ou seja, não se trata de fundar as ações do homem, mas de direcionar a autonomia do indivíduo considerando o espiritual. É por isso que não se fala mais de um Deus-homem, que remeteria a uma fundamentação da moral como algo exterior resultando, em última análise, numa imposição da Divindade, mas de um homem-Deus que por sua capacidade de reflexão consegue se distanciar de si mesmo para julgar suas ações e comportamentos.

Esse conceito não deixa de ser desconfortável e por mais que Luc Ferry esclareça seu significado, como faz em todas as suas obras, é difícil deixar de identificá-lo com um ser humano perfeito que tem em si todas as características da divindade. No entanto, entendido desse modo, corre-se o risco de se ter cada vez mais atrocidades

humanas fundamentadas na pretensão do homem de se endear. Mesmo que não seja completamente maldoso, porque existe no homem, em grande medida, a bondade, a arrogância motivadora de muitas ações, faz perceber o risco que existe ao conceber o homem como um homem-Deus. Não faltam representações figurativas dessa arrogância humana, e quando se buscam exemplos para elucidá-la, eles se apresentam com mais facilidade e em maior número do que os exemplos de homens que dedicaram sua vida e sacrificaram-na pelo outro. Ferry é demasiadamente otimista diante da realidade. No homem-Deus tem-se uma divindade decadente, pois os atributos do divino se resumem em ser a racionalidade, a liberdade e a limitada capacidade do homem de amar. Impossível reconhecer no humano qualquer outra característica que lhe evidencie o divino. É salutar lembrar que existem, sem dúvidas, grandes seres humanos capazes de ações verdadeiramente humanas como a caridade, o sacrifício, a solidariedade, a abnegação, o desprendimento das riquezas e confortos materiais para oferecer ao outro dignidade, esperança e vontade de viver, mas são essas atitudes puramente humanas e não divinas. Que se pode afirmar a existência de homens de grandes capacidades intelectivas, gênios e homens verdadeiramente livres, não se nega aqui, mas todas essas características são, mais uma vez, meramente humanas e não divinas. Pode-se falar, quem sabe, de um homem-Humanizado, ao invés de um homem-Deus, porque assume consigo sua humanidade plena para assim alargar suas ações a toda a humanidade.

Essa capacidade de transcender os particularismos faz do homem partícipe da “vida comum” e permite a ele superar o individualismo.

É essa universalidade do sensível, do particular, que me parece aqui o mais interessante. Na tradição filosófica ela se chama ‘individualidade’: o indivíduo, pelo menos desde Aristóteles, se define de fato como a síntese, como a reconciliação do particular com o universal (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 238).

Para Ferry essa maneira de ver a individualidade se associa ao que Kant chamava de pensamento expandido<sup>10</sup> que é a intensificação da vida do homem resultante da interação entre o autoconhecimento e a abertura ao outro. De outra forma: é “o acesso ao universal de um particular que se deu ao trabalho de arrancar-se à sua particularidade” (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 238). Assim sendo, na vida em comum e social, se reconhece as individualidades e com elas o fim da distância, que

---

<sup>10</sup> “Com efeito, acabamos por amar aquilo cuja consideração nos faz sentir o uso alargado das nossas faculdades de conhecer” (KANT, 1994, p. 180).

até então fundamentava as relações humanas, entre o particular e o universal. Dessa forma, é possível ao homem agir no presente, em favor da humanidade, através da escolha de um projeto de vida que se pautem em ações altruístas. A capacidade de saída do próprio ego em favor do outro é a expansão da individualidade ao universal (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 239). É essa individualidade que permite ao homem se reconciliar com o universal e visualizar o que seria a sua transcendência – uma transcendência imanente.

E Ferry percebe que até mesmo o Cristianismo valoriza essa individualidade expandida garantidora de uma vida profundamente significativa, porque desprendida do egoísmo decadente. Nesse sentido,

Os cristãos não estariam longe de compartilhar também essa convicção, pelo menos quando, parando de falar apenas de uma vida melhor no além, eles pedem a Deus que Seu reino desça à Terra. É essa encarnação bem-sucedida de uma certa ideia da transcendência que me parece constituir a esperança de nossas vidas (FERRY, 2012c, p. 238-239).

E essa possibilidade de reconciliação do particular com o universal implica diretamente atitudes conscientes de sacrifício que o homem faz de si mesmo visando ao aperfeiçoamento de toda a humanidade. A capacidade humana de desenraizamento dos particularismos mostra que o religioso que constitui o homem moderno é resultado da opção que ele faz de ir ao encontro do outro. O amor é, para Ferry, a maior demonstração desse particular que se reconcilia com o universal, porque, amando, pode-se abnegar do egocentrismo até o esquecimento de si mesmo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme se pode constatar, a liberdade é a garantia que o homem possui de um aperfeiçoamento pessoal, ou melhor, pela liberdade é que acontece o aperfeiçoamento humano. Isso porque, o homem livre é capaz de ações morais, e mais, o homem livre, ao ter acesso à sua própria consciência, consegue voltar-se para o outro, agindo de maneira responsável. Assim, a liberdade se apresenta, para Ferry, mais do que como um fundamento da moral, a estrutura da própria dimensão espiritual do homem.

Essa espiritualidade não se limita em ser dogmática e fideísta, mas se fundamenta nos princípios da laicidade e do amor. Por isso, o homem após a morte de Deus, se torna a própria transcendência imanente, porque através das ações motivadas pelo amor, ele se diviniza, tornando-se um homem-Deus. Não no sentido de que ele seja formidável, e totalmente bom, mas porque tornou-se capaz de superar todos os determinismos, a ponto de se aprimorar e se tornar melhor. Prova disso é que mesmo sem os fundamentos transcendentais, absolutos e extramundo que direcionavam sua atitude, o homem continua a agir em favor do outro, através da compaixão.

No entanto, as motivações para tais ações não surgem de outro lugar, senão da própria interioridade do homem, de sua consciência, de sua humanidade. Finalmente, livre de todos os determinismos e valores supra terrenos, o homem é capaz de fazer o bem e de agir em favor do bem, fazendo surgir, pela liberdade, mais que uma ética da responsabilidade, uma espiritualidade responsável e humana.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERRY, Luc. *A revolução do amor, por uma espiritualidade laica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012a.

FERRY, Luc. *Aprender a viver*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

FERRY, Luc. *Kant: uma leitura das três críticas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

FERRY, Luc. *O homem-Deus, ou, O sentido da vida*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012b.

FERRY, Luc. *O anticonformista, uma autobiografia intelectual; entrevistas com Alexandra Laignel-Lavastine*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012c.

FERRY, Luc. *Vencer os medos, a filosofia como amor à sabedoria*. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FERRY, Luc; COMTE- SPONVILLE, André. *A sabedoria dos modernos, dez questões para o nosso tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FERRY, Luc; VINCENT, Jean-Didier. *O que é o ser humano? Sobre os princípios fundamentais da filosofia e da biologia*. Petrópolis: Vozes, 2011.

FERRY, Luc; GAUCHET, Marcel. *Depois da Religião, o que será do homem depois que a religião deixar de ditar a lei?* Rio de Janeiro: DIFEL, 2008b.

FEUERBACH, Ludwig. *A essência do Cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e Religião*. Petrópolis: Vozes, 2012.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Prática*. Lisboa: Edições 70, 1994.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Lisboa: Edições 70, 2007.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

SAMUEL, Albert. *As religiões hoje*. São Paulo: Paulus, 2003.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 2011.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

SOLOMON, Robert C. *Espiritualidade para céticos*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.